

A HISTÓRIA DO BATALHÃO DE CAÇADORES 2913

Quem escreverá a história do nosso Batalhão, ou melhor, da nossa Companhia? Qual de nós o fará?

Seria interessante, à medida que se vão plantando os marcos das sucessivas décadas, mas enquanto nós cá estivermos, reunir contribuições para essa história, analisados os acontecimentos agora, à distância destes quarenta e tal anos.

É necessário dar uma orientação diferente à documentação da altura, sobretudo àquela que, mais do que reportagem exacta dos acontecimentos, contém opiniões que à luz dos dias de hoje, bem merecem ser revistos.

Como suporte ao que acabo de expor, a seguir transcrevo uma pérola da literatura militar do antigo regime. Autoria anónima e patente não menos, está incluída numa História do Batalhão de Caçadores 2913, adormecida numa das prateleiras do Arquivo Histórico.

Texto imbuído do espírito militarista e patriótico da altura, alude à transferência, para os elementos do Batalhão que se reuniam, dos laços familiares que se (inter)rompiam pela mobilização e pelo afastamento que esta provocava, como se estas ligações pudessem alguma vez ser substituídas.

Mas por fim, numa grande despedida sobre o entreposto/trampolim do RI1 da Amadora, salienta-se o regozijo do relator em "seguiu-se um almoço que para todos foi – 'rancho melhorado'". Numa perspectiva diferente, à maralha, nos corredores do desterro a caminho do temível desconhecido, sabe-nos este manjar a uma última refeição noutros corredores.

Tem discurso e contra-discurso. Tem altos dignitários, Vossas Excelências, em representação própria ou doutras (as Suas) Excelências.

Apresenta salpicos de romance de aventuras. Vera Cruz e caravelas que se misturam num épico feito de descobertas e de luta pela manutenção dessas possessões, num *status quo* cuja legitimidade jamais se questionaria num documento deste tipo.

"E também a "barra" acabou por ficar para trás".

Esta sim, uma imagem que jamais se apagou da nossa memória...

Então, quem construirá o edifício da nossa história?

Eu e tu... nós todos, cada um com o seu tijolo...

CarlNasc
2010

in <http://CC2702.EU>

E O ALVORECER

COMEÇOU ...

Em fins de 1969, começou a instrução do Bat. Caç. 2913 com a Escola Preparatória de Quadros. Este período preliminar foi seguido da Instrução de Especialidade e da I.A.O.

Durante o mês de Dezembro e princípios de 1970, foi sendo ministrada a primeira das acima referidas instruções aos diversos elementos que formariam o todo dum Batalhão que, como muitos, iriam, mais tarde, defender em terras de Moçambique a integridade do Solo pátrio.

Adentro das possibilidades das várias unidades, a instrução foi decorrendo o melhor possível, dando os graduados o melhor do seu saber a esses homens que mais tarde seriam mobilizados. Terminada que foi esta instrução e após alguns dias de licença, teve início a I.A.O. em 23 de Fevereiro. Vários dias antes desta data, caso notório para os militares, era o tentar contactar com elementos que fariam parte do seu pelotão, da sua companhia e assim do seu Batalhão. Assim começava o espírito de camaradagem e de união entre todos interrogando-se mutuamente; haveria elementos conhecidos ou amigos entre esta nova família?! E, aos poucos, com a chegada dos restantes elementos constituintes, foram-se satisfazendo as dúvidas e as interrogações, formando, em suma, o verdadeiro e esplêndido espírito de corpo de que se acha elevado e animado o Batalhão de Caçadores nº2913.

Foi este Batalhão, como outros, um dos mobilizados pelo regimento de Infantaria nº15, tendo sido, por isso, na área de TOMAR, que se desenrolou a primeira fase da I.A.O.: Constatou esta instrução de duas semanas no campo, antecedidas estas que foram duma semana de preparação no Regimento. Durante esta primeira semana, além dos assuntos versando a ida ao campo, várias palestras foram feitas por Oficiais da nossa unidade e por outros do R.I. 15, cuja experiência em guerra subversiva no Ultramar foi posta em relevo e da qual muitos conhecimentos colhemos.

Falando propriamente da I.A.O., temos de concluir que esta foi muito proveitosa sob diversos aspectos e dentro das possibilidades requeridas por diversos factores, incluindo o material. 2

Na primeira semana de campo, os exercícios decorreram ao nível de Batalhão.

Durante este período, tivemos a colaboração da Força Aérea em reconhecimentos, marcação de objectivos e treino de pessoal. Exercícios de PCV. Foram utilizados um helicóptero e um avião de reconhecimento.

Terminada que foi esta fase, deu-se início a 23 de Março ao período de gozo dos dez dias de licença das Normas. Este período foi prolongado por mais oito dias por motivo de arranjo de local de instalação. A nossa apresentação foi no R.I. nº 1 visto no R.I. nº 15, as instalações não serem suficientes para comportarem a nossa Unidade e uma Escola de Recrutas aí chegada.

Aí desenrolou-se a segunda fase da I.A.O., durante a qual não foi descurada a preparação física.

Na véspera do embarque o R.I. nº 1 fez uma cerimónia de despedida seguida de um almoço de confraternização, a que compareceram Srs. Ex^{as}. o General Governador Militar de Lisboa e o Brigadeiro 2º Comandante do mesmo Governo Militar, além do Comandante do R.I. nº 15 e uma representação desta Unidade, e outros Comandos.

Em pequena alocução S. Ex^a o Governador Militar de Lisboa recordou as visitas que tinha feito a várias unidades que partiam em missão de soberania e o significado das mesmas desejando a todos os militares que partiam as melhores felicidades no cumprimento do dever.

Em breve agradecimento às palavras do nosso General falou o nosso Comandante que muito sensibilizadamente agradeceu os desejos de S. Ex^a., afirmando que a nossa unidade como muitas outras faria o máximo esforço para cumprir a sua missão. Em breve cerimónia deu-se a benção do guião.

Após o desfile seguiu-se o almoço que para todos foi - "rancho melhorado"-.

Durante a tarde tratou-se de encher as malas para no dia seguinte já estarem na doca.

E o dia do embarque chegou:

Em vários autocarros da "CARRIS" seguia a nossa unidade desde Amadora até ao cais de Alcântara. E lá estava o "VERA CRUZ" à nossa espera!

Mas já lá estavam também outros nossos camaradas que como eu iriam também fazer a viagem até ao continente africano. Alguns que há muito tempo os já não víamos e com eles marcámos encontro a bordo para troca de impressões e crónicas daquilo que tinham feito até aquele dia!

Eis que se aproximava o momento da despedida e com ele muitos de nós nos sentíamos naturalmente comovidos por nos irmos ausentar da família e dos amigos.

Após os cumprimentos de despedida de S.Ex^a o Governador Militar em representação de S.Ex^a o Ministro do Exército seguiu-se o desfile de todas as forças que iam embarcar. 3

À medida que eram conhecidos os camarotes e os locais de dormida foram-se arrumando as malas e os sacos. E, por entre acenos de despedida a hora da partida chegou, começando assim a viagem até terras africanas.

O CAMINHO PROSSEGUE...

Passámos sob a ponte "SALAZAR", deixando para trás o Monumento das descobertas e a Torre de Belém. Até houve alguém que se imaginou transportado à época das "caravelas"! Mas não era caravela, era sim o "VERA CRUZ"!

E também a "barra" acabou por ficar para trás.

Os momentos alegres que se passaram a bordo foram vários. Arranjaram-se jogos de cartas, xadrez, bINGO, ping-pong, etc. Pela noite haviam sessões de cinema ou música pelo conjunto de bordo. Até se arranjou um conjunto moderno com elementos militares, que nos agradeu sobremaneira.

Ao aproximarmo-nos do Equador as piscinas foram cheias e isso para nós, foi motivo de regosijo também.

Já se escreviam cartas para a família e amigos! Ao passarmos em Luanda, teríamos oportunidade de as colocar no correio. E assim aconteceu. Esta paragem serviu para darmos uma vista de olhos sobre a cidade e irmos até à "ILHA" comer uns mariscos e apanhar uns banhos de sol.

Após um dia de descanso, retomou-se a viagem. A paragem do Cabo trouxe-nos à memória a viagem de Bartolomeu Dias e as idas à Índia, há muitos anos atrás. Além deste proemnor, outro se nos deparou foi o ter aparecido um certo número de "enjoados" motivados pela maior ondulação que por lá se sofreu - e lá estava também um mais forte a "entrar" com o referido "enjoado".

E, muito sorridente, ao fim de mais um certo tempo de viagem apareceu-nos Lourenço Marques. Mais uma paragem oportuna numa cidade portuguesa do Índico. Nesta, além da beleza de cidade em si, um dos pontos que nos chamou mais atenção foi a diversidade de raças e povos que nesta cidade se encontravam: brancos, negros, muçulmanos, paquistaneses, indianos e até chineses.

Só bem por isso é digna de ser chamada "Princesa do Índico".

Prosseguindo a viagem aportámos à Beira. As condições atmosféricas não se mostraram muito convidativas mas, pela tarde melhorou.

Por aqui já nos começámos a despedir de alguns camaradas que iriam até Tete. Mas muitos ainda continuavam a viagem connosco.

Na madrugada seguinte, chegámos a Nacala. Após o desembarque de camaradas que iriam até ao distrito do Niassa aproveitou-se para ir até à praia e apreciar a beleza da magnífica baía e seus recantos. 4

Com uma saída nocturna de Nacala chegou-se a Mocímboa da Praia a 18 de Maio. Devido aos "baixios" de areia que se encontraram à entrada do porto o "VERA CRUZ" teve de ancorar ao largo.

Aqui recebemos a visita das autoridades civis e militares de Mocímboa da Praia, após o que se efectuou o desembarque da nossa Unidade em batelões para o cais. Nesta vila já se encontrava o nosso Comandante que por ter de tratar de vários assuntos relativos à chegada do nosso Batalhão, tinha feito a viagem via aérea.

